

A INTERCULTURALIDADE NA ESCOLA – A IMPORTÂNCIA CULTURAL PARA O SÉCULO XXI

AUTOR (a): Rosane Gonçalves Costa Ozorio

RESUMO:

A interculturalidade é um processo que tem por base o reconhecimento do direito à diferença e a luta contra todas as formas de discriminação e desigualdade social”. Diferentes manifestações de preconceito, discriminação, diversas formas de violência – física, simbólica, bullying –, homofobia, intolerância religiosa, estereótipos de gênero, exclusão de pessoas deficientes, entre outras, estão presentes na nossa sociedade, assim como no cotidiano das escolas. A consciência desta realidade é cada vez mais forte entre educadores. Sendo assim, o intercâmbio entre escolas poderá promover de forma lúdica a interação entre culturas em todos os âmbitos. Neste sentido foi realizado um intercâmbio entre a escola estadual Floriano Viegas Machado e a escola municipal indígena Pa’i Chiquito – Chiquito Pedro localizada na aldeia Panambizinho. O principal objetivo foi oferecer aos alunos uma nova perspectiva de conhecimento cultural, social e ambiental, tendo em vista o deslocamento destes a escolas diferentes de sua realidade, na qual puderam apreciar outras realidades e vivencia-las. Isto porque a formação se dá por meio da relação que se estabelece entre teoria e prática, a partir do que o aluno é capaz de construir analisando a realidade por intermédio de suas fundamentações teóricas. Neste caso, o aluno foi o grande construtor do conhecimento e do desenvolvimento, auxiliando-o na tomada de decisões mais justas frente às questões de divergência social predominante em nosso país.

Palavras – chave: Cultura; educação; intercâmbio escolar

Este artigo é resultado de experiência vivenciada enquanto docente de professora de Geografia das séries finais do Ensino fundamental da escola municipal indígena Pai Chiquito Chiquito Pedro e da não indígena Floriano Viegas Machado, ambas localizadas no município de dourados –MS. Visando promover o diálogo entre os diferentes saberes existentes no contexto das duas escolas, a partir das aulas de geografia, elaborei um projeto de intercambio entre alunos das duas escolas em que atuo. Esse trabalho ocorreu de maneira interdisciplinar, em parceria com as professoras: Bianca Gabrielle Marafiga (professora de Ciências) e Eliane Miquelleti (Doutora e educação indígena).

O projeto consistiu no primeiro momento na elaboração de cartas dos alunos do 6º ano da escola Floriano Viegas Machado relatando de forma escrita e em desenhos a visão de meio ambiente dos alunos karaís (brancos); diferentemente da escola Floriano Viegas Machado, na escola Pai Chuiquito a elaboração das cartas foi realizada por todos as turmas do ensino fundamental (anos finais). Posteriormente ambos os alunos realizaram as trocas das cartas com a intenção de analisar o ponto de vista do outro em relação ao meio ambiente.

Tendo em vista que somos decorrentes de um processo histórico de miscigenação de povos vindo da Europa, África e Àsia, e levando em conta que a América já era habitada pelos povos indígenas, o que resulta em notável a mistura de povos, com diferentes religiões, línguas, culturas e etnias, salientamos a complexidade que envolve o contexto escolar principalmente, em especial nas escolas do município de Dourados, uma vez que o município possui expressiva presença de indígenas, das etnias Guarani Kaiowá, Guarani Nandeva e Terena.

Como salientam Candau & Russo (2011, p. 59):

Diferentes grupos socioculturais invadem os cenários públicos, tanto no âmbito internacional como em diversos países do continente. Tensões, conflitos, tentativas de diálogos e negociação se multiplicam. Em cada contexto esta problemática adquire uma configuração específica, articulada com as diversas construções históricas e político-culturais de cada realidade.

Cabe destacar que segundo o referencial curricular a temática indígena é abordada somente no 7º ano. Assim, iniciei meu trabalho com esta turma, na qual identifiquei certo preconceito dos alunos acerca da temática proposta, demonstrando visão superficial sobre o tema. Apesar da expressiva presença de indígenas no município, muitos alunos demonstraram uma visão do indígena estático, congelado, parado o tempo, como da época dos primeiros contatos com o “colonizador”.

Essa situação é destaca por Nunes & Silva (2014, p.96):

[...] partimos do pressuposto de que há um significativo desconhecimento de grande parte das pessoas a respeito dos povos indígenas do Brasil, o que acaba por intensificar certo preconceito (majoritariamente advindo desse desconhecimento) sobre esses povos. Vivenciamos essa situação de desconhecimento e, conseqüentemente, de preconceito, cotidianamente em Dourados (MS) nos mais diversos ambientes, inclusive nas escolas de educação básica.

Tendo como referência a análise das autoras anteriormente citadas, em consonância com a experiência vivenciada como docente de Geografia, no contexto de uma escola indígena e uma escola não indígena, identifiquei a necessidade de propor

um diálogo, mais aprofundado, acerca da temática indígena. Para tal, busquei compreender a visão que os alunos não indígenas tinham construídos (pela mídia e família) acerca da questão indígena. Posteriormente, trabalhamos com alguns pontos, visando desconstruir os preconceitos construídos pela mídia, como por exemplo, demonstrar a importância dos indígenas para a cidade de Dourados – MS, devido ao expressivo número de indígenas que vivem no município, moradores das aldeias, ou situados no perímetro urbano, estando inserida em todos os âmbitos populacionais, como política, educacional, comércio, saúde dentre outros.

Na escola municipal indígena Pai Chiquito, vivencio diariamente uma proposta educacional, com ênfase na cultura dos povos indígenas, e expressiva preocupação para manutenção desta cultura. Uma das principais propostas da escola indígena é que a educação seja específica, diferenciada e intercultural. Assim, identifiquei a necessidade de troca entre os saberes.

Para Freire (2009, p. 94) a interculturalidade surge enquanto “resultado da relação entre culturas, da troca que se dá entre elas”. Concordamos com o autor que devemos considerar contudo, que no caso específico dos povos indígenas, essa troca, em grande parte, fora imposta a “ferro e a fogo”.

[...] historicamente essa relação tem sido simétrica, não tem tido mão dupla, tanto na Amazônia, como no resto do Brasil e da América. Ou seja, os índios não puderam ter liberdade de escolha de olhar o leque de opções e dizer: “nós queremos isso, nós queremos trocar aquilo”. **As relações foram assimétricas em termos de poder.** Não houve diálogo. Houve imposição do colonizador. Aquilo pelo qual nós brigamos hoje é por uma interculturalidade, entendida como um diálogo respeitoso entre culturas, de tal forma que cada uma delas tenha a liberdade de dizer: “Olha! Isso nós queremos, isso nós não queremos”, ou então, “nós não queremos nada disso”. É essa liberdade de transitar entre outras culturas que não concedemos aos índios

Visando identificar as relações de poder existente entre indígenas e não indígenas do município de Dourados-MS, buscamos compreender a visão acerca da questão ambiental dos alunos indígenas e não indígenas das respectivas escolas.

De maneira geral do ponto de vista indígena é uma relação muito forte de poder espiritual, algo muito forte e significativo já que eles demonstraram que a escola, casa e aldeia em si, são lugares sagrados que eles amam como alguém de sua família. Pude perceber que isso decorre da maneira que são ensinados pela família e pelos mais velhos da aldeia (os anciões).

Essa situação é reflexo do processo de ensino aprendizagem das crianças Guarani/Kaiowá, desde o nascimento até o ingresso ao ensino formal.

Ao contrário do que costuma acontecer na chamada “sociedade ocidental”, entre os Kaiowá e Guarani as crianças estão presentes em todas as atividades do cotidiano. Quando pequenas acompanham as mães a todos os lugares; quando mais crescidas, perambulam pelos espaços da aldeia, através das trilhas que levam às casas da parentela, até que chega a idade escolar, quando o tempo e o espaço começam a ser demarcados por outras lógicas. (NASCIMENTO, 2006, p.5)

Já para os karaís (brancos), foi possível constatar que tem uma relação de “apoderamento” do meio ambiente em que esta inserido (seja ele qual for), sendo esse escola, casa e outros. ao contrário dos indígenas são poucos alunos que tem uma visão de respeito com esse, sendo á maior porcentagem vendo o local que esta inserido ou até mesmo o meio ambiente natural um espaço de exploração e desrespeito, voltado somente para o capital. Mas foi possível constatar que isso se deve ao fato ao que eles aprendem com a família e até mesmo na escola, já que esse discurso dito interdisciplinar nas escolas, são vistos de forma superficial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse projeto foi possível constatar que houve um progresso na visão de ambas as partes, pois anteriormente de realizar esse observava-se uma visão muito superficial tanto dos indígenas quanto dos Karaís(brancos), após eles passarem por todo esse processo de cartas e encontros as culturas diferentes demonstraram interesse uma pela outra e houve uma troca de saberes, educacional, cultural e social.

REFERÊNCIAS

DELORS, J. (Coord.). **Os quatro pilares da educação**. In: Educação: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortezo, 1998.

MAZZON, J.A. (Coord.). **Preconceito e discriminação no ambiente escolar**. São Paulo: FIPE/USP; Brasília, DF: Inep, 2009.

NASCIMENTO, Adir Casaro. A cosmovisão e as representações das crianças Kaiowá/Guarani: o antes e o depois da escolarização. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 25., 2006, Goiânia. **Anais...** Goiânia, 2006.

NUNES, Flaviana Gasparotti. SILVA, Solange Rodrigues. Fronteira e construção do “outro”: concepções de alunos sobre povos indígenas. **Mercator**. Fortaleza, v. 13, n. 1, p. 93-106, jan./abr. 2014